

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

ALICE FRANCISCO FREITAS

**HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DO RÚGBI COMO ELEMENTOS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Florianópolis
2019

Alice Francisco Freitas

**HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DO RÚGBI COMO ELEMENTOS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr. Carolina Fernandes da Silva.

Coorientadora: Prof. Dr. Alice Assmann.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra

Freitas, Alice HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DO RÚGBI COMO ELEMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR/ Alice Freitas; orientadora, Carolina Fernandes da Silva, coorientadora, Alice Assmann, 2019. 51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Educação Física. 3. história do esporte . 4. rúgbi . I. Fernandes da Silva , Carolina . II. Assmann, Alice. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

Alice Francisco Freitas

**HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DO RÚGBI COMO ELEMENTOS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
“Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso Educação Física

Florianópolis, 2 de Dezembro de 2019.

Prof. Dr. Giovani Del Duca
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof.(a) Dr.(a) Carolina Fernandes da Silva
Orientadora
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. (a) Dr. (a) Alice Assmann
Coorientadora
Instituição Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rogério dos Santos Pereira
Avaliador
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Ms. Josimar Lottermann
Avaliador
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Mestranda. Lígia Antunes de Siqueira
Suplente
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado ao mundo, como um manifesto da peculiaridade do conhecimento e até onde ele pode nos levar.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de toda essa caminhada de conclusão de curso, deparei-me com circunstâncias diversas, as quais sem ajuda familiar, acadêmica, docente, estes desafios não seriam ultrapassados. Portanto, direciono meus agradecimentos aos professores que estiveram em todo o meu percurso, demonstrando os valores desta profissão, sendo sinceros, autênticos, cobrando nas horas precisas. Destes contemplo minha orientadora Carolina Fernandes da Silva, a qual me oportunizou conhecimentos, dos quais não são mensuráveis, a toda sua paciência nestes anos de trabalho, dedicação, competência e que continuemos nesta parceria e trocando conhecimentos ao longo de mais processos educacionais.

Aos meus familiares, que me acolheram e me acolhem até hoje nas minhas dificuldades, demonstrando satisfação com as minhas conquistas e possibilitando inúmeras sabedorias, que continuemos construindo e evoluindo no amor fraternal.

Não posso esquecer-me de meu casamento recente com Beatriz da Silveira, ao qual agradeço imensamente por este ano termos realizados tantos sonhos e, a conclusão deste trabalho não seria possível sem tuas análises, força, debates, estudos comigo, paciência e teu mais sublime amor, você me ensinou e ensina que o verdadeiro sentido da vida esta nos pequenos detalhes, eu te amo e sou imensamente grata.

Aos meus amigos do grupo de pesquisa Sôma – Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento e Centro de Memórias da Educação Física e do Desporto (CEMEFID) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em especial a minha amiga Bruna Letícia, que me acompanha desde o começo do curso e a qual nosso laço fraterno aumentou significativamente, agradeço por me apoiar em todos os setores de minha vida, na colaboração deste trabalho, e que possamos alcançar nossos sonhos nesta caminhada que é a vida.

Agradeço também a disponibilidade da banca, acredito que possam contribuir muito para esse trabalho, e para o meu olhar acadêmico.

E por último agradeço imensamente a minha fé, a qual é impulso diário de minha comoção a modificar o mundo, a Deus, Jesus Cristo figura de amor ao mundo e a todos meus guias espirituais.

As palavras de ensinamentos devem partir do coração, do amor, na real vontade de querer ensinar e não na vontade de usufruir dos valores materiais e simbólicos que damos a elas.

(EZEQUIEL, 2019, p. 100).

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal compreender como a história do rúgbi pode ser incluída como um dos elementos de uma unidade didática da Educação Física Escolar. Desta forma, foi utilizada a metodologia bibliográfica e documental ao qual coletamos fontes das revistas brasileiras da Educação Física, pelo meio das palavras-chaves Rúgbi e Rugby. Foram encontrados 202 artigos com o tema rúgbi, destes separou-se os que continham referencial teórico e pedagógico da modalidade, ou seja, artigos que continham em suas páginas história do rúgbi e possibilidades didáticas. Os artigos selecionados foram analisados e separados por temáticas que surgiram das próprias fontes, estes constituíram os capítulos, separados por temas transversais que o rúgbi possibilita através de sua história, estes sendo: documentos educacionais, história do rúgbi, gênero e esporte adaptado. Conclui-se com este estudo que a perspectiva história do rúgbi é pouco pautada nas revistas brasileiras, demonstrando uma lacuna a ser preenchida. Entretanto observou-se diversas possibilidades de atuação da história do esporte na Educação Física escolar, tais como a descolonização do conhecimento, a aproximação das representações do esporte aos estudantes, compondo a cultura brasileira, a possibilidade de debates sociais, de gênero, do esporte adaptado e inclusão, num viés de desconstruir paradigmas, estereótipos, preconceitos, ideologias, em perspectiva de uma educação mais igualitária, humana e democrática.

Palavras-chave: Educação Física; história do Esporte; Rúgbi.

ABSTRACT

This study aims to understand how the history of Rugby can be included as one of the elements of a didactic unit in Physical Education. Thus, we used the bibliographic and documentary methodology to which we collected sources from the Brazilian Physical Education magazines, through the keywords Rúgbi and Rugby. We found 202 articles with the theme rugby, which separated those that contained the theoretical and pedagogical framework of the sport, ie articles that contained in its pages history of rugby and didactic possibilities. The selected articles were analyzed and separated by themes that emerged from the sources themselves, these constituted the chapters, separated by transversal themes that rugby makes possible through its history, which are: educational documents, rugby history, gender and adapted sport. It is concluded with this study that the perspective rugby history is poorly based in the Brazilian magazines, showing a gap to be filled, but it was possible to observe several possibilities of sports history in school Physical Education, such as the decolonization of knowledge , the approximation of the representations of sport to students, composing the Brazilian culture, the possibility of social debates, gender, adapted sport, inclusion, in a bias to deconstruct paradigms, stereotypes, prejudices, ideologies, towards a more egalitarian education, human and democratic.

Keywords: Physical Education; Sports History; Rugby.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Documentos Curriculares Orientadores.....	23
Tabela 2 - numérica das palavras-chaves em cada Revista Brasileira de Educação Física.....	24
Tabela 3 - Distruição dos textos por categorias.....	24
Tabela 4 - Quantidade de artigos por ano de publicação.....	25
Tabela 5 - Quadro de grupos e quantidades de fontes selecionadas para análise.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF – Educação Física

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

CBRu – Confederação Brasileira de Rugby

SUMÁRIO

Introdução.....	15
1. Objetivos.....	17
1.1 Objetivo Geral	17
1.2 Objetivos Específicos	17
2. Fundamentação Teórica.....	18
2.1 O Rúgbi	18
2.2 Educação Física, Rúgbi E História.....	20
3. Metodologia.....	22
3.1 Caracterização do Estudo	22
3.2 Procedimento de Coleta.....	23
4. Resultados e Discussão.....	29
4.1 Diretrizes da Educação Física Escolar: a história do Rúgbi nos Documentos da Educação.....	29
4.2 A História do Rúgbi nas Produções Científicas	36
4.3 Rúgbi Feminino	40
4.4 Rúgbi Adaptado	44
Considerações Finais	46
Referências.....	49

INTRODUÇÃO

O rúgbi¹ voltou às Olimpíadas no ano de 2016, após 92 anos sem participação. Esta volta levou à necessidade de uma atualização organizacional, dando origem a Confederação Brasileira de Rugby, em 2010 (BRASIL, 2019). A prática esportiva teve origem na Inglaterra, em meados do século XIX, com o estudante William Webb Ellis, da escola Rúgbi, que idealizou o jogo com os pés e as mãos. Já no Brasil o esporte só foi institucionalizado em 1960, havendo atualmente mais de 290 clubes registrados na plataforma Portal do Rugby, à qual tem vínculo com a Confederação Brasileira de Rugby (BRASIL, 2019; RUGBY, 2019a). Especificamente no estado em que esta pesquisa se realizou, Santa Catarina, possui quinze clubes registrados, sendo três destes com sede em Florianópolis.

O esporte possui duas vertentes, o Rúgbi *Sevens* e o Rúgbi XV. A modalidade olímpica é a *Sevens*, que consiste em sete jogadores para cada lado e uma partida com total de quatorze minutos. Já o Rúgbi XV, consiste em uma partida de oitenta minutos e quinze jogadores titulares (SILVA et al., 2015).

Para este estudo, os questionamentos da pesquisadora, entre eles: como a história pode colaborar na Educação Física? Como foi construída a história do rúgbi no Brasil? Como ela se modificou ao longo do tempo? Quais as fontes brasileiras? Essas perguntas levaram a explorar questões históricas do rúgbi e como este pode se tornar um dos conteúdos abordados na Educação Física escolar. O componente curricular que se utiliza das diversas manifestações de práticas corporais é a Educação Física, nestas estão inclusas a ginástica, as lutas, as danças, as brincadeiras e jogos, as práticas corporais de aventura e por fim os esportes. Neste último as categorias se dividem em: marca; precisão; técnico-combinatório; rede/quadra dividida ou parede de rebote; campo e taco; invasão ou territorial e combate (BRASIL, 2017). Portanto, o rúgbi caracteriza-se como esportes de invasão, territorial e campo, podendo ser uma forma de experienciar variados conhecimentos, inclusive o histórico.

A Educação Física, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)², possui oito dimensões do conhecimento e dentre estas há dimensões que desdobram sobre o processo

¹ A palavra utilizada nesta pesquisa será a de origem do idioma português, derivação da palavra do rugby, do inglês. Pois, embora a prática tenha-se originado na Inglaterra, quando vem para o Brasil e torna-se esporte dos brasileiros, estes se apropriam e o modificam, por este motivo mantemos a nomenclatura do português.

² A escolha do documento BNCC se justifica, pois este é um documento orientadores da educação brasileiro, embora estar em processo de discussões, cabe aqui destacar que não estou de acordo com algumas imposições desta base, além disso acredito que esta deve ser revista e construída por pensadores da área educacional.

de esclarecimento das práticas corporais no contexto sociocultural. O professor precisa reunir saberes que possibilitem a compreensão do lugar das práticas corporais no mundo, as dimensões éticas, estéticas, a época e a sociedade que as criou e modificou, além das razões para sua produção, transformações e seus vínculos globais, nacionais e locais. (BRASIL, 2017).

Em vista dessas dimensões de conhecimento, a proposta desta pesquisa justifica-se, pois na literatura encontram-se concepções para o ensino técnico e tático dos esportes, porém, os estudos não avançaram na sistematização de possibilidades do ensino da história das práticas esportivas. Nunes (2017) ainda salienta que existe uma carência de estudos com este tema. Além disso, verificou-se por meio de uma revisão bibliográfica no campo da Educação Física, que a maioria dos artigos da temática é de cunho quantitativo e envolve pressupostos teóricos de fisiologia e de desempenho atlético, enquanto que a minoria destes aborda questões qualitativas. Quanto às questões históricas e às práticas escolares relacionadas ao rúgbi encontramos poucos artigos que fazem estas menções.

Ao olhar socialmente podemos perceber que a compreensão da história pode ser uma estratégia de ensino para o Rúgbi, e esta prática corporal ser uma possibilidade de construção de conhecimentos, bem como meio para debates de assuntos da contemporaneidade.

Assim esta pesquisa buscou averiguar a possibilidade de abordar estudos históricos sobre o conteúdo Rúgbi dentro da Educação Física Escolar, utilizando-se da metodologia bibliográfica e documental, buscando analisar amplamente a temática. Assim sendo, os capítulos foram organizadas de maneira a responder o objetivo deste estudo, de acordo com os assuntos que continham nas fontes coletadas, estas formaram um grupo de 17 artigos científicos, e estão separadas por Documentos Educacionais, História do Rúgbi, Rúgbi Feminino e Rúgbi Adaptado. Diante disso, a pergunta que nos move nesse estudo é quais os possíveis elementos educacionais existentes na história do rúgbi para a Educação Física Escolar?

1. OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos deste TCC.

1.1 Objetivo Geral

Sistematizar possíveis elementos da história para o ensino do conteúdo “rugby” nas aulas de Educação Física Escolar.

1.2 Objetivos Específicos

- Identificar como é produzido o conhecimento sobre a história do Rúgbi no Brasil;
- Entender como a legislação nacional, estadual e municipal trata a inserção da perspectiva histórica do rúgbi na Educação Física Escolar;
- Descrever as possibilidades do ensino histórico do Rúgbi nas aulas de Educação Física.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico abordará uma caracterização oriunda de uma revisão de literatura sobre o rúgbi e a Educação Física escolar, com um olhar lançado mais especificamente acerca da perspectiva histórica.

2.1 O Rúgbi: uma breve caracterização

O rúgbi teve sua origem em 1883, na Cidade Rugby, na Inglaterra, segundo Cenamo (2010, p. 5): “[...] um estudante da “Rugby School” agarrou a bola com as mãos durante uma partida de futebol e correu em direção ao gol adversário, sem permitir que ninguém o parasse [...], considerado o marco do nascimento do rugby”. O mesmo autor (2010) ainda salienta, que este fato por mais que, para muitos pareça uma fábula, tem certa relevância, pois tal estudante, Web Ellis, foi um dos grandes jogadores na fase inicial do esporte.

A prática foi organizada pela Rugby School, e esta também compôs um método de ensino. Tal método foi criado, pois se entendia que os esportes tinham uma essência formativa, capaz de manter os jovens longe de vícios e brigas, tornando-se assim o esporte uma prática recorrente entre os estudantes ingleses. A difusão da prática esportiva ocorreu por estes fatores formativos empregados pelas escolas, juntamente com a Revolução Industrial. Fato que em 1860, muitos países europeus tinham em suas escolas a presença do Rugby e começaram a adotar as regras contempladas pela escola da Inglaterra, possibilitando assim jogos interescolares em seus países. (CENAMO, 2010).

Segundo Cenamo (2010), ao longo dos anos a Inglaterra ascende economicamente e militarmente, além disto, há uma expansão cultural pelos cinco continentes, levando consigo a cultura das práticas esportivas. Essa difusão traz o rúgbi para o continente sul-americano, mais especificamente ao Brasil, através de engenheiros e funcionários ingleses que imigravam para o país, traziam consigo os costumes tanto sociais como esportivos. Estes imigrantes começaram a formar clubes para que houvesse um local apropriado para a realização dos jogos. (CENAMO, 2010). Antonio e Kater (2016, p. 4) reafirmam tal relação

A trajetória dos britânicos no Brasil perpassa identidades que se retroalimentavam, fora da terra de origem, dentro de práticas sociais típicas de seu país. Memórias,

trocas e aprendizado poderiam se dar de formas distintas, e pelo que se apreende, o rugby era um espaço propício para o fortalecimento dessas relações.

Embora a imigração tenha começado em 1860, foi apenas na década de 1950, que no Brasil a prática começou a ter mais jogos interestaduais, não apenas clubes foram surgindo, mas também as universidades promoveram os primeiros incentivos para a prática, caracterizando uma mudança no perfil dos praticantes. A popularização do esporte foi crescendo, e chegou ao seu ápice nos anos 80. (CENAMO, 2010).

Essa crescente disseminação originou no desenvolvimento, em 1963, da União de Rugby do Brasil, que posteriormente passou a ser a Associação Brasileira de Rugby (1972). Com a volta do Rugby *Sevens* para as Olimpíadas, a entidade se reconfigurou na atual Confederação Brasileira de Rugby, a qual tem vínculo com o Comitê Olímpico Brasileiro e com a World Rugby. (RUGBY, 2019b). Conferindo a instituição o papel de reguladora da prática no território nacional.

Atualmente, segundo Rugby, (2019b), o país possui mais de sessenta mil praticantes, com onze mil atletas cadastrados e 300 agremiações nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além disto, dispõe de duas seleções brasileiras masculinas, a de Rugby XV e Rugby Sevens, e uma seleção brasileira feminina de Rugby Sevens.

O Rúgbi XV é jogado por quinze jogadores em cada equipe, com duração de noventa minutos, com um intervalo de 15 minutos. Já o Rúgbi Sevens é jogado com sete jogadores para cada time, em um tempo de jogo de 14 minutos, com intervalo de cinco minutos. Ambos os jogos acontecem em um campo com 70 metros de largura e 144 metros de comprimento.

O esporte tem a presença do contato físico intenso, que pode gerar aos espectadores uma perspectiva violenta e bruta, segundo Cenamo (2010, p. 39)

[...] existem muitas condições favoráveis para que um jogador se torne mal intencionado em suas atitudes. As regras do jogo permitem que um jogador utilize a força para sobrepor-se ao adversário. Durante uma partida, ocorrem inúmeras situações onde uma simples atitude desleal por parte de um jogador pode trazer graves riscos à saúde de outro.

Por tais razões, o rúgbi apresenta aos seus jogadores uma normatização, que estabelece leis aos praticantes. Essas normas se intitulam Espírito do Rúgbi, que tem bases

morais. Tais bases são apresentadas pela página mundial de Rúgbi, a World Rugby, a qual define cinco princípios básicos:

Integridade: “Integridade é fundamental para a realização do jogo e é gerada através da honestidade e do fair play”; Paixão: “as pessoas do Rúgbi tem um entusiasmo apaixonado pelo jogo. O Rúgbi gera excitação, apego emocional e um sentimento de pertencer à família global de Rúgbi”; Solidariedade: “o Rúgbi proporciona um espírito unificador que leva a amizades duradouras, camaradagem, trabalho em equipe e lealdade que transcende diferenças culturais, geográficas, políticas e religiosas”; Disciplina: “a disciplina é parte integrante do jogo, tanto dentro como fora de campo, e é refletida através da adesão às leis, aos regulamentos e aos valores do Rúgbi”; e Respeito: “o respeito pelos companheiros de equipe, adversários, árbitros e pessoas envolvidas no jogo é primordial. (RUGBY, 2019b, tradução nossa)².

Sendo assim, estes vestígios do Espírito do Rúgbi podem possibilitar diversos debates para aprendizados históricos, perpassados ao longo dos anos pela prática esportiva do Rúgbi.

2.1 Educação Física, Rúgbi e História: relações estabelecidas

Para a presente pesquisa entender a Educação Física, seus conteúdos e relações com o esporte é primordial. Segundo Bracht (1997, p. 63): “Se analisarmos as aulas de Educação Física onde o esporte escolar é iniciado e desenvolvido, veremos que a idéia da aprendizagem do esporte enquanto aprendizagem das técnicas esportivas, predomina”. Darido (2012) também discorre sobre a temática e diz que a Educação Física, em sua trajetória, priorizou conteúdos em dimensões quase que totalmente procedimentais. Os autores salientam a predominância da perspectiva do saber fazer, do saber realizar e jogar apenas, mas esta Educação Física esquece-se de outros potenciais que o esporte possui, para além do procedimental. Tais argumentos expõem uma questão importante para a Educação Física, a de

² Integrity is central to the fabric of the Game and is generated through honesty and fair play. Rugby people have a passionate enthusiasm for the Game. Rugby generates excitement, emotional attachment and a sense of belonging to the global Rugby Family. Rugby provides a unifying spirit that leads to life-long friendships, camaraderie, teamwork and loyalty which transcends cultural, geographic, political and religious differences. Discipline is an integral part of the Game both on and off the field and is reflected through adherence to the Laws, the Regulations and Rugby’s core values. Respect for team mates, opponents, match officials and those involved in the Game is paramount.

oportunizar novas experiências, sair do comum, tendo, portanto, espaço para inclusão de modalidades por vezes esquecidas, invisíveis e distantes, tais como o rúgbi.

Nesta concepção, Darido (2012), traz argumentos para construir outras formas de trabalho nas aulas, isto é, ensinar além da técnica dos movimentos; a autora destaca a necessidade de ir além, ensinar o contexto do estudante e da prática escolhida, incluindo-a na esfera da cultura corporal, assim: “[...] seria fundamental considerar os procedimentos, fatos, conceitos, as atitudes e os valores como conteúdos, todos no mesmo nível de importância”. (DARIDO, 2012, p.55). Ainda neste tema, segundo Oliveira (1994, p.43): “A Educação Física, apesar de ser uma atividade essencialmente prática, pode oferecer oportunidades para a formação do homem consciente, crítico, sensível à realidade que envolve”.

Com isto, para construir outras formas de trabalhos, devemos produzir conteúdos, pois estes são utilizados como meio de expressar o que se deve aprender, num sentido quase que exclusivista dos conhecimentos das disciplinas referentes a nomes, conceitos e princípios. (DARIDO, 2012).

Segundo Darido (2012, p.51):

[...] quando nos referimos a conteúdos estamos englobando conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes.

Os argumentos acima apresentados exemplificam as potencialidades que o esporte possui na Educação Física, numa perspectiva de formar um indivíduo completo, com capacidades motoras, sociais, psicológicas e principalmente críticas ao contexto e cultura corporal. Segundo Nunes (2017), todo o esporte tem uma história, e ela traz consigo conceitos, preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas.

Assim sendo, esta pesquisa tem um direcionamento para um dos conteúdos da Educação Física, o Rúgbi, e, dentro deste, precisamos entender os processos, esmiuçar, procurar averiguar as diversas possibilidades. Segundo Castellani Filho (2013), entender que somos sujeitos históricos é fundamental para que possamos estabelecer preceitos de intervenções a que ganhe rumos à frente. Conhecer o esporte com um olhar histórico, proporciona muitas abordagens, visto que esta teoria favorece uma análise capaz de evidenciar os rompimentos e continuidades, estes que se comunicam com o movimento esportivo desde sua origem (GOELLNER, 2004). A partir disto, conseguimos perceber que a

história das práticas esportivas possibilita ligação entre teoria e prática, além de trazer importantes contribuições para a construção de saberes.

Segundo Nunes (2017), os estudos sobre Pedagogia do Esporte, não tiveram avanços em sistematizar possibilidades de ensino da história das modalidades esportivas, poucos fazem alguma menção, existindo, portanto, uma carência sobre a temática. Com isto, este estudo tem como possibilidade apresentar uma diminuição na carência em torno do tema, a qual Nunes evidencia. A seguir será apresentada a metodologia para realização desta pesquisa.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização do Estudo

Essa pesquisa caracteriza-se por ser um estudo qualitativo, que segundo Martins (2000), é uma análise dos sujeitos e sua relação com o mundo, falando, vivendo, trabalhando, envelhecendo. Com isto, descrevemos a seguir, à relação histórica do esporte rúgbi com as aulas de Educação Física, desenvolvendo possibilidades de conhecimentos relacionados à temática.

Além disso, os temas deste estudo estão relacionados com o ideal de explorar o campo da Educação Física, buscando ampliar os conhecimentos em torno do tema, gerando possibilidades de novas pesquisas a partir das questões que surgiram deste relatório.

Para este propósito foram utilizados dois procedimentos de coleta, a bibliográfica e documental. A escolha destes procedimentos é na tentativa de buscar exaustivamente os conhecimentos já produzidos sobre o rúgbi.

Segundo Gil (2002, p. 44):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.

Existem algumas vantagens da pesquisa bibliográfica, sua principal vantagem é colocar o pesquisador em contato com o maior número de fontes secundárias, tendo assim

maior alcance de estudos. Além disto, para os estudos históricos é de vital importância esta busca, pois às vezes não há outra maneira de conhecer os fatos sem ser por estas fontes (GIL, 2002). Deste modo, este estudo encontra-se na vertente histórica e busca um alcance de maior magnitude sobre o assunto. Para isto, utilizamos as produções nacionais e com idioma português e arquivos abertos ao público.

Além deste procedimento, utilizamos o método documental que, segundo Gil (2002), é uma pesquisa que se assemelha à bibliográfica. A diferença entre as duas é a gênese das fontes, que compreendem materiais que não passaram por análise ou tratamento. O autor (2002) ainda salienta que a fonte documental é rica e contém dados estáveis.

Esta pesquisa selecionou documentos governamentais que tem relevância escolar, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Florianópolis, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e, por fim, a Proposta Curricular de Santa Catarina.

Estes documentos foram escolhidos por dois delineamentos de pesquisa, primeiro é uma pesquisa de cunho nacional, ao qual temos documentos que explanam sobre o Brasil e seus conteúdos perante a Educação Física escolar e, em segundo, a realização desta pesquisa ocorreu na cidade de Florianópolis, por isso a escolha destes documentos, tanto os do estado de Santa Catarina, como os de sua capital Florianópolis.

3.2 Procedimento de Coleta

Em direção disto, o primeiro processo ocorreu na busca pelas fontes documentais, estas foram retiradas de sites governamentais. Estes documentos passaram por leituras e fichamentos, seguindo o modelo apresentado por Gil (2002), nessa leitura e fichamento houve a intenção de examinar e captar elementos do contexto histórico do rúgbi no Brasil e na Educação Física. A tabela a seguir demonstra os documentos curriculares, o seu alcance e ano de construção deste documento.

Tabela 1 - Documentos Curriculares Norteadores

Documento	Alcance	Ano
------------------	----------------	------------

Proposta Curricular de Florianópolis	Municipal	2016
Diretrizes Curriculares de Florianópolis	Municipal	2015
Proposta Curricular de Santa Catarina	Estadual	2014
Parâmetros Curriculares Nacionais	Nacional	1997
Base Nacional Comum Curricular	Nacional	2017

Fonte: elaborado pela autora

Já o segundo processo, a pesquisa bibliográfica consistiu na coleta das fontes secundárias, o delineamento desta busca foi as revistas brasileiras que no escopo incluem a área da Educação Física, a saber: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE), Cadernos de Formação do CBCE, Revista Movimento, Journal of Physical Education (UEM), Revista Arquivos em Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Licere, Revista Motrivivência, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Conexões, Revista Motriz, Revista Esporte e Sociedade, Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes, Revista Kinesis, Revista Praxia, Revista da ALESDE, Recorde – Revista de História do Esporte, Caderno de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, Revista Corpoconsciencia, Revista Brasileira de Ciência e Movimento e Revista Brasileira de Estudos de Lazer. Para a identificação das fontes pertinentes a esta pesquisa, a busca ocorreu com as palavras-chaves: Rugby e Rúgbi. Abaixo apresentamos um quadro que demonstram os dados numéricos da identificação das fontes através destas palavras-chaves em cada Revista Brasileira de Educação Física.

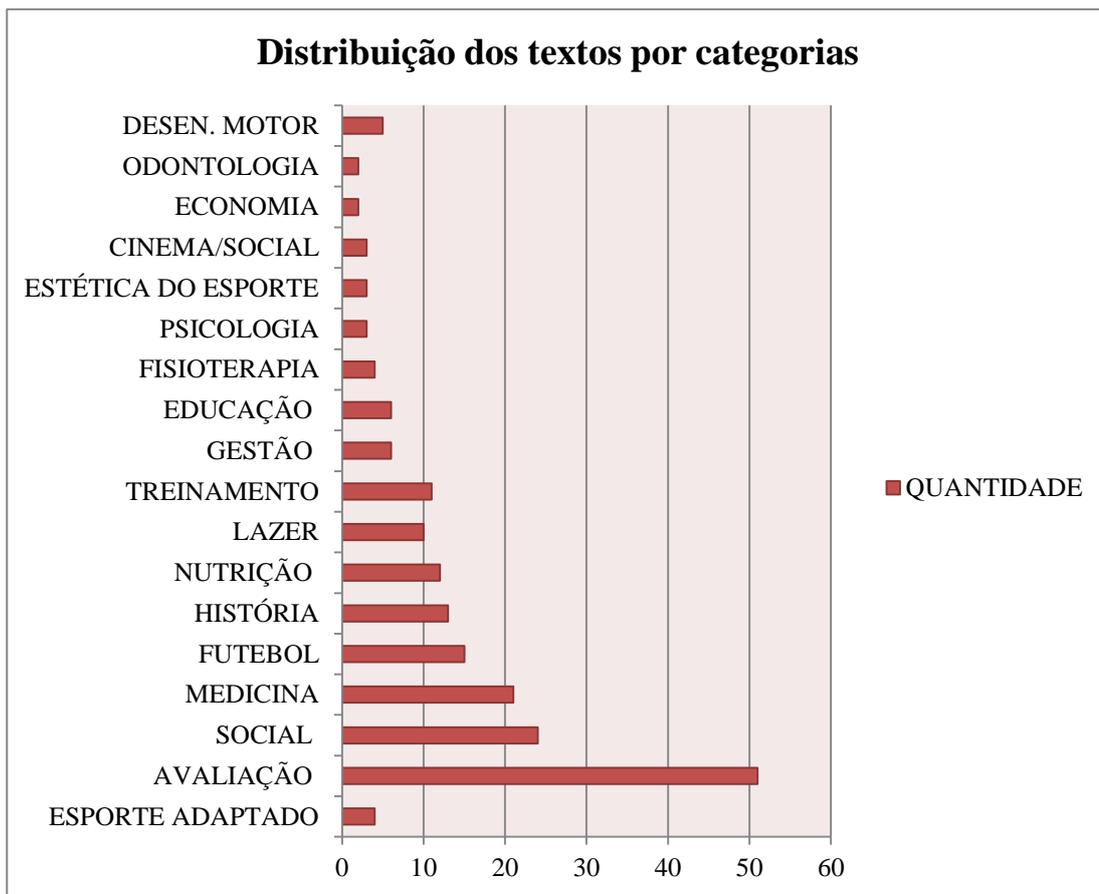
Tabela 2 - numérica das palavras-chaves em cada Revista Brasileira de Educação Física

REVISTA	RUGBY	RÚGBI
Revista Movimento	2	1
Revista Praxia	0	0
Revista Pensar a Prática	4	2

Revista Motriz	2	0
Revista Motrivivência	1	0
Revista Mackenzie	0	0
Revista Licere	7	4
Revista Kinesis	1	0
Revista Esporte e Sociedade	0	0
Revista da Alesde	1	0
Revista Conexões	4	0
Revista Brasileira de Estudos do Lazer	4	2
Revista Brasileira de Edf e Esporte	0	9
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	4	12
Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	0	0
Revista Arquivos em Movimento	0	0
Revista de História do Esporte – Recorde	1	0
Journal Of Physical Education UEM	4	2
Cadernos de Formação RBCE	0	0
Caderno de Educação Física e Esporte	2	0
Revista Corpocosciencia	1	0
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	3	2

Fonte: elaborada pela autora

Esses resultados das revistas estão ordenados no gráfico a seguir de acordo com os temas oriundos das próprias fontes. Ao realizar as etapas de leituras de aproximação, os textos foram separados por temas de acordo com sua abordagem, metodologia e área de publicação.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Observa-se que o grupo avaliação física é o com mais publicações e de uma forma ampliada comparado com as outras temáticas. Uma justificativa possível é a preocupação com desempenhos e performance de atletas no rúgbi. Todas as fontes coletadas também foram organizadas por ano de publicação, o gráfico a seguir demonstra os resultados.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

É possível observar que a primeira publicação de artigos relacionados com o rúgbi foi no ano de 2001, este número ficou abaixo de cinco artigos por ano até 2009. Segundo a Rugby (2019) o anúncio de retorno do rúgbi as Olimpíadas dado pelo Comitê Olímpico Internacional ocorreu no ano de 2009. Com esta afirmação percebe-se que este retorno as Olimpíadas pode ter ocasionado um impulso as pesquisas com esta temática, já que de 2010 em diante os números aumentaram significativamente.

Dessas fontes, foram observadas e analisadas as que continham referencial teórico e pedagógico sobre o rúgbi, ou seja, textos que continham em suas páginas história do rúgbi e conteúdos pedagógicos do esporte, totalizando 17 artigos, os quais foram arquivados para comporem os resultados desta pesquisa. Estas fontes foram separadas por temáticas, que serão apresentadas a seguir.

Quadro de grupos e quantidades de fontes selecionadas para análise

Grupo	Quantidade
Gênero	5
História	5
Social	2
Estética	1
Educação	1
Treinamento	1
Esporte Adaptado	1
Economia	1

Fonte: elaborada pela autora

Esses documentos passaram também pelo método de análise de Gil (2002), que consiste em sete procedimentos, estes perpassam diversas explorações dos textos, em vista de uma aproximação sistemática do pesquisador com as fontes. Nessa parte da metodologia captou-se apenas artigos que continham aspectos históricos presentes em seu contexto e que colaboravam para responder o objetivo desta pesquisa. Em vista disso, o próximo capítulo trará os resultados da análise dessas fontes, para melhor entendimento os capítulos foram separados pelos seguintes temas: os documentos da educação; História do Rúgbi; Rúgbi Feminino e Esporte Adaptado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo estão apresentados os conteúdos dos artigos encontrados e o desenvolvimento de reflexões sobre como estes oferecem possibilidades para aulas de Educação Física como componente curricular para produzir conhecimento sobre o Rúgbi a partir de diferentes temas transversais, como: esporte e sua lógica interna e externa, descolonização, gênero e esporte adaptado.

4.1 Diretrizes da Educação Física Escolar: a história do Rúgbi nos documentos da Educação

A Educação Física escolar articula-se à área das Linguagens, dentro dos componentes curriculares brasileiros, em vista disto, entende-se que o corpo é um meio de comunicação com o mundo. A cultura corporal do movimento é um conceito articulador para entender a Educação Física nestes documentos, a qual segundo Júnior et al. (2011, p. 408)

[...] é a elucidação da dialeticidade da dimensão cultural do corpo e do corpo na cultura e mais, particularmente, no reconhecimento da atividade humana que produz tal dimensão e, ao mesmo tempo em que produz a si mesmo, é produzido por ela. Em se tratando da expressão corporal como Linguagem, continuamos a acreditar, fundamentar, argumentar e defender essa como objeto de estudo específico da Educação Física na escola. É esta que traz os sentidos e significados em tratar os diferentes temas da cultura corporal.

A pluralidade de manifestações da cultura corporal de movimento representa uma organização, uma gramática da qual os movimentos são determinados, ordenados, hierarquizados, apresentados, confinados, treinados, aperfeiçoados. E com isso, eles expressam e carregam marcas sociais do momento no qual foram construídos. Dessa forma entende-se que os movimentos são apreendidos, ensinados, aperfeiçoados, conforme a cultura a qual aquele ser está inserido. Segundo Pesavento (2008, p.180): “[...] cultura diz respeito a essa atividade humana expressa na capacidade imaginária de atribuir significados [...]”. As diferentes culturas e suas organizações perpassam a história, e ao longo dessa, determinaram fronteiras, barreiras, oposições, sensibilidades, liberdades ao corpo, deixando marcas em cada espaço-tempo, de cada sociedade. Todos os aspectos do contexto histórico-cultural educam o

corpo e os sentidos, portanto, o corpo é também um território cultural. (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014, p. 103)

Na historicidade em que se inserem as discussões sobre o corpo na Educação Física, consolidou-se como conceito balizador a cultura corporal de movimento, entendida como o conjunto das práticas corporais que tem na linguagem corporal sua referência constitutiva. Trata-se, então, não de qualquer prática corporal, mas daquelas que foram sistematizadas historicamente a partir da atividade dos sujeitos, constituindo uma dimensão da cultura de todos os grupos sociais, nos quais se observa a presença de jogos, esportes, danças, lutas, ginásticas e outras práticas corporais de caráter ludo-motriz, assim como cuidados e formas específicas de relação com o corpo. Cumpre destacar que essas práticas são um fim em si mesmas, não sendo dissociadas da própria atividade.

Nessa afirmação percebe-se evidências que um meio para entender a cultura, a sociedade e o corpo, é o esporte, dentro das suas especificações. Segundo as Diretrizes Curriculares de Florianópolis (2016), no terceiro eixo da Educação Física, que é a compreensão das estruturas e representações sociais, diz respeito aos conhecimentos que possibilitem reflexões, estes são produzidos por campos da ciência que se ocupam por estudar as práticas corporais, campos que colaboram para oferecer conceitos e metodologias que contribuam para a cultura corporal de movimento.

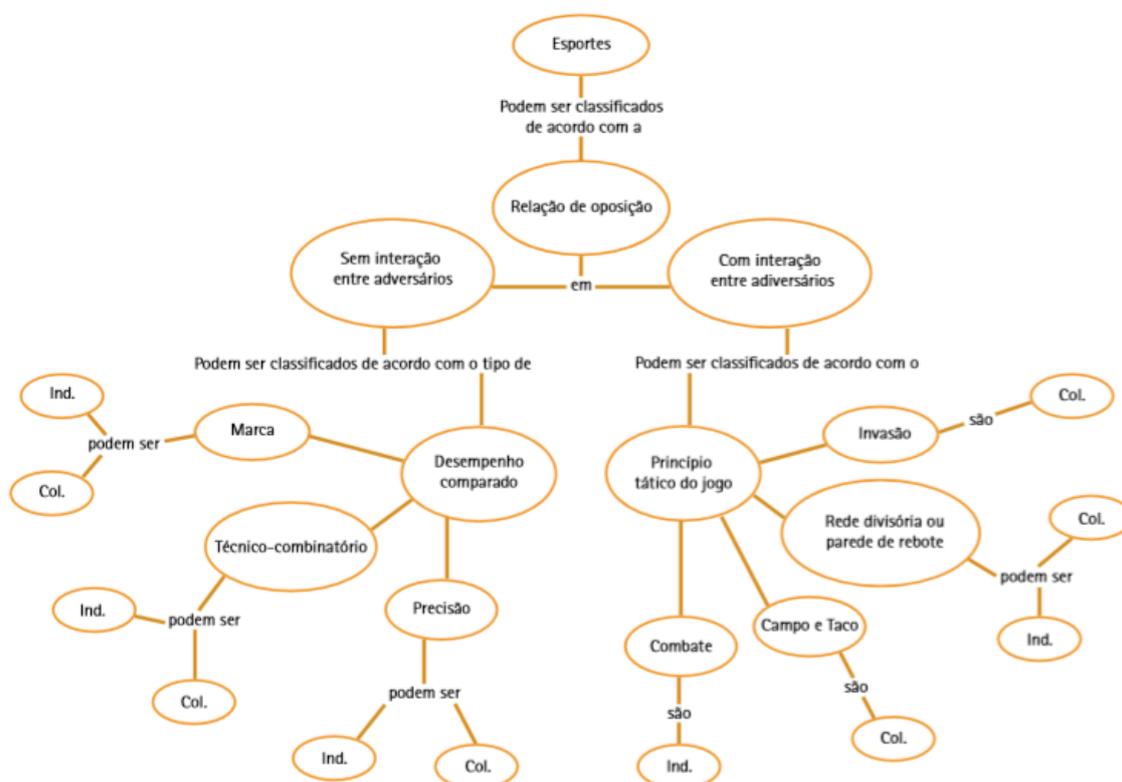
Essas representações sociais, representações esportivas e culturais, segundo Pesavento (2016, p. 21): “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”. Com isto, pode-se entender que as representações são um meio para a compreensão de certa realidade cultural e esportiva, e possibilitam a aproximação da realidade vivenciada com a Educação Física escolar, tornando-se um conceito de compreensão da realidade das práticas esportivas.

Para que se ensine de forma ampliada o tema esporte na Educação Física, segundo González e Bracht (2012), separa-se em duas valências, a lógica interna e lógica externa. A lógica interna compõe conhecimentos relacionados aos aspectos particulares de cada esporte e que exija dos jogadores atuação de um modo específico, durante sua prática. Já a lógica externa refere-se aos conhecimentos, características e/ou significados sociais que a prática esportiva apresenta ou que adquiriu em um contexto histórico e cultural.

A lógica externa é separada por dois módulos. O primeiro é o dos conhecimentos conceituais técnicos, o qual possui os seguintes saberes: conceitos do esporte; transformação de jogo em esporte; categorias e tipos de esportes; papéis desempenhados pelos jogadores; lógica externa e interna do esporte; regras esportivas; elementos do desempenho físico; nomenclaturas e sistemas de jogo; atores do esporte institucionalizado; avaliação e orientação do desempenho esportivo; condução e organização de equipes; arbitragem e organização de eventos esportivos. O Segundo é chamado de conhecimentos conceituais críticos e reúne diversos saberes que são categorizados por: Contextualização Sincrônica (origem do esporte, contexto de institucionalização); Contextualização Diacrônica (mudança do esporte ao longo dos anos, transformação do equipamento esportivo); Contextualização Contemporânea (grupos sociais envolvidos, esporte formal e institucionalizado, prática esportiva no tempo livre, consumismo esportivo, dinâmica esportiva, envolvimento e acesso da população, organização e condições econômicas, esporte espetáculo e mercado, mídia e esporte, relações entre esporte e saúde, megaeventos esportivos, torcedor, esporte participação). (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Relacionando com a problematização desta pesquisa podemos compreender que estamos colaborando para este conceito de lógica esportiva interna e externa, mais especificamente, o módulo de conhecimento conceitual crítico. Portanto, sem um estudo histórico e uma aproximação destes resultados com a escola e com a Educação Física, se torna superficial o entendimento cultural, a compreensão atual das práticas esportivas e a reflexão acerca da temática.

Os esportes são separados por categorias, para assim melhorar a compreensão do jogo e de suas dinâmicas. O quadro a seguir mostra como ocorre esta categorização.



FONTE: GONZÁLEZ; BRACHT, 2012 p. 28.

Considerando o objeto desta pesquisa, o rúgbi encontra-se dentre estas subdivisões do esporte, enquadrando-se em uma modalidade coletiva de invasão ou territorial, ou seja, caracteriza-se por comparar a capacidade de uma equipe em levar ou introduzir uma bola em uma meta defendida pelo adversário, protegendo, simultaneamente, sua própria meta. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; BRASIL, 2017).

Em decorrência dessas subdivisões dos esportes a BNCC (2017) originou oito dimensões do conhecimento na Educação Física, estas são:

- Experimentação: que é o conhecimento através da vivência das práticas corporais, pelo envolvimento do corpo na execução dos movimentos. Conhecimento este que só perpassa os sentidos corpóreos.

- Uso e apropriação: é o saber incorporado e apreendido para a execução autônoma do estudante, denomina-se pelo saber realizar por conta própria atividades, jogos, movimentos, técnicas, táticas para além da aula.

- **Fruição:** corresponde a contemplação estética das vivências geradas pelas práticas corporais, nas diferentes práticas corporais oriundas de outros países, de outras épocas, lugares ou grupos.

- **Reflexão sobre a ação:** refere-se além da reflexão da vivência e espontânea. É uma reflexão intencionada, orientada e gerada com finalidades. Estas finalidades podem ser: resolução de conflitos, aprendizagem de novas modalidades, e por fim adequar as práticas aos interesses e possibilidades dos estudantes.

- **Construção de Valores:** são os conhecimentos advindos de debates e vivências do contexto das temáticas das práticas corporais, que proporcionem a aquisição de valores e normas voltadas à cidadania em benefício de uma democracia. Concentrando-se em construir valores pertencentes ao respeito e às diferenças, combatendo qualquer preconceito, e assegura a superação de estereótipos expressos nas práticas corporais.

- **Análise:** esta categoria está ligada ao saber sobre as práticas corporais, reunindo saberes de classificação das práticas, os sistemas táticos, os efeitos dos exercícios físicos, entre outros.

- **Compreensão:** este grupo está associado ao conhecimento conceitual, na intenção de esclarecer o processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo possibilidades de compreensão das práticas no mundo. Levando os estudantes a interpretar as manifestações da cultura corporal de movimento nas suas dimensões éticas e estéticas, à época e sociedade que as originou e as modificou em suas produções e transformações locais, nacionais e globais.

- **Protagonismo Comunitário:** por último, esta dimensão do conhecimento esta associada às ações e atitudes fundamentais para que os estudantes participem de forma autoral, consciente e autônoma nas decisões e ações a democratizar as práticas corporais. Fazê-los refletir sobre acessibilidade quanto às práticas, sobre recursos disponíveis e sobre ambientes além da sala de aula, pensando nos direitos sociais vinculados a este universo.

Para esta pesquisa, cabe destacar as dimensões Construção de Valores, Compreensão e Protagonismo Comunitário, pois cada uma delas de alguma forma pode ser complementada pela história do rúgbi.

As dimensões do conhecimento Construção de Valores uni-se ao Protagonismo Comunitário, pois ambos perpassam transpor saberes democráticos e de valores cidadãos, além de pensar nas barreiras, preconceitos e possibilidades das práticas corporais em certo

contexto. Segundo Mello e Pinheiro (2014), é preciso entender a essência do rúgbi para se compreender seus princípios. Os mesmos autores caracterizam o rúgbi por possuir um “código moral”, que é chamado de “espírito do rúgbi”. Dentro do “espírito do rúgbi”, situa-se o terceiro tempo, este é uma celebração que ocorre ao final do jogo, no qual a equipe da casa oferece alimento e bebida à equipe visitante, com a finalidade de fomentar o fair play. Todos estes elementos fazem parte de um discurso que compõem o “espírito do rúgbi”, constituindo elementos externos ao campo. É preciso viver este espírito, não apenas jogar, tornando-o um traço pessoal. (SAOUTER, 2003; GONÇALVES; VAZ, 2015). Como já citado, a *World Rugby* (2019), orienta cinco pilares: paixão, solidariedade, respeito, integridade e disciplina. Além disso, os autores Marques e Cafeo (2014, p. 31), citam que a Confederação Brasileira de Rugby (CBRu) legitima estas características dizendo que: “o rúgbi é um esporte de forte tradição e possui importantes valores como o Espírito de Equipe, Lealdade, Diversidade e Respeito, que pode impactar a formação/moldura de carácter de jovens e adolescente”. Com isso, percebe-se a possibilidade de utilizar essas características como ferramenta para as dimensões do conhecimento, com o intuito tanto democrático como de cidadania, já que estes compõem o esporte historicamente.

A dimensão da Compreensão pontua a história como elemento central, já que esta se preocupa com o entendimento dos estudantes, de forma ampla, acerca das práticas corporais no mundo, em suas pluralidades, estéticas e conceituais, ao longo de suas construções temporais. Percebe-se que a pedagogia da história das modalidades necessita de uma construção adequada ao contexto brasileiro, alcançando amplamente as práticas das mais variadas, e ampliando os conhecimentos conceituais, dentre eles os históricos. Nesta questão é preciso considerar a relevância da história para compor um conhecimento das práticas corporais, como afirma Escobar (1995, p. 95): “a importância da historicização não deve ser minimizada, vez que é o procedimento que viabiliza a apropriação do conhecimento, do âmbito da Cultura Corporal [...]”. Ainda sobre esta perspectiva Vamplew (2012, p. 6) aponta:

A maior contribuição da história do esporte para o estudo do tema refere-se à dimensão do tempo. A história do esporte pode ser considerada como a memória esportiva de uma nação, sem a qual o que há é a amnésia esportiva. Ela pode registrar uma recordação esportiva, mas também explicar porque algumas coisas mudaram enquanto outras continuaram iguais. A história trabalha com evidências que situam eventos e acontecimentos em seus devidos contextos, ajudando a esclarecer as forças ao seu redor.

O rúgbi como esporte institucionalizado no território nacional e apropriado pelos brasileiros, tornou-se parte desta cultura. Entender esse processo de representação, apropriação do esporte, ressignificação, contexto e história, é primordial para se entender o contexto social em que o estudante está inserido. Questionar, refletir e oportunizar estes conhecimentos é tarefa da Educação Física.

As representações permeiam as práticas esportivas, são atuantes do e no social e aproximam de um entendimento de determinada realidade. O rúgbi fazendo parte do imaginário, do contexto histórico-social do brasileiro, em uma perspectiva global, nacional e estadual, carrega consigo inúmeros aspectos, significados, silêncios. Estes podem possibilitar criticidade, diálogo, compreensão da realidade em que se inserem.

Uma das possibilidades que os estudos históricos das modalidades nos trazem é o movimento de ressignificar e descolonizar o conhecimento:

Tal refutação não implica descartar completamente essa racionalidade, mas mostrar suas pretensões coloniais e imperiais e contestar sua posição como única, questionando, assim, a suposta universalidade do conhecimento científico que preside as ciências sociais, na medida em que não capta a diversidade e riqueza da experiência social, nem as alternativas epistemológicas anti-hegemônicas e descoloniais que emergem dessa experiência. (WALSH, 2007, p. 104, tradução nossa).

Esta citação reflete sobre o conhecimento científico já construído. A autora fala que este conhecimento e sua relação ao conceito de descolonizar, não é negar a sua razão, não seria por em xeque tudo que temos de conhecimentos, mas sim contestá-los como únicos e verdadeiros, utilizando-se dos conhecimentos e reflexões das ciências sociais. Como exemplo neste estudo, a história, para pensar questões econômicas, sociais, em um viés de descolonizá-lo.

A mesma autora ainda explica que a colonialidade do conhecimento é o lado escondido da modernidade, articulado com os poderes de raça, o ser e a natureza, os conhecimentos, num benefício do capitalismo, de uma europeização branca, ou seja, em viés de uma elite. Ao olhar a história do rúgbi resultante das fontes desta pesquisa, há uma aproximação desta com a sua origem europeia, mas esquece-se que as representações culturais

se modificam conforme a atuação dos agentes sociais, caracterizando silêncios, visibilidades e invisibilidades do esporte no Brasil.

Segundo Oliveira (2014) a escola dentro deste olhar da colonialidade da cor, do gênero, do corpo, da intersubjetividade, questiona suas bases e procura utilizar-se deste espaço para os questionamentos e assim originar novos saberes, pois estes são dinâmicos. Assim, torna-se possível um debate das ressignificações e da descolonização das práticas esportivas, de acordo com a cultura brasileira dentro das salas de aula. Este debate descentraliza da perspectiva apenas europeia e aproxima de uma história brasileira e descolonial, entendendo que atribuímos ao esporte características próprias de nossa cultura. O rúgbi quando incorporado pelos brasileiros e institucionalizado, é também modificado, já que este esporte recebe características culturais daqueles que o praticam, ou seja, jeitos de jogar, vestimentas, nomes, estereótipos e etc.

Em vista destas afirmações é possível relacionar as possibilidades que a história do rúgbi pode fornecer para a descolonização do conhecimento, ao olhar para o passado e perceber as estruturas do social, é possível assim fazer-se uma leitura de compreensão com os alunos, do porque destas estruturas, como elas se mantêm, como se modificam ao longo do tempo, quais as relações de poder construídas ao longo dos anos e como isto tudo influencia na estruturação do conhecimento atual em relação ao rúgbi e à sociedade. Realizando-se isto é possível aproximar os alunos de uma criticidade do contexto no qual estão inseridos, possibilitando uma formação completa destes indivíduos.

O próximo subitem abordará a história do rúgbi nas produções acadêmicas brasileiras.

4.2 A história do Rúgbi nas Produções Científicas

Como resultados, neste subitem temos a constatação de que a maioria dos artigos organiza sua escrita no intuito de descrever a prática do rúgbi historicamente, ou seja, apresentam uma preocupação com a sua origem antes de adentrar no assunto principal de debate do artigo. (SANT'ANNA; MAZO, 2015; MORALES JUNIOR; MARQUES, 2016; MARQUES; CAFEO, 2014; GONÇALVEZ; VAZ, 2015; GUTIERREZ et al. 2017; FALCÃO, 2010; SAOUTER, 2003; SILVA et al. 2015; BETTINE; GUTIERREZ; OLIVEIRA, 2017; MELO; GONÇALVES, 2019; MOURA et al. 2017). Estes

dados evidenciam que existe uma aproximação histórica, uma notoriedade a sua origem, ao saber histórico da modalidade. Segundo Nunes (2017), todo o esporte possui uma história, que carrega preconceitos, conceitos, construções ao longo de sua trajetória. Com base nisso, a Educação Física escolar, tendo como um dos objetivos pedagógicos, os esportes, esta é impelida a discernir uma ampla teia de relações com este objeto.

A história, segundo Le Goff (1924, p. 13): “[...] reforça o fato de que a oposição presente/passado não é um dado natural, mas sim uma construção”. Portanto, reconhecer a história nas fontes é um caminho de identificar na literatura desse esporte a construção pela qual este atravessou, visando uma compreensão tanto histórica quanto da pedagogia do esporte no Brasil e possibilitando aproximações das Dimensões do Conhecimento, apresentadas na BNCC (2017), bem como do conceito de descolonização. A construção histórica como citada, não é algo natural ou já posto, portanto, perceber quem e para quem foram construídos tais discursos, possibilita a expansão de conhecimentos.

Para a maioria dos autores consultados, a origem do rúgbi é datada de 1823, na cidade de Rugby (SANT’ANNA; MAZO, 2015; MORALES JUNIOR; MARQUES, 2016; MARQUES; CAFEO, 2014; GONÇALVEZ; VAZ, 2015). Uma das fontes, contudo, apresentou uma distinta versão, com data de surgimento da prática como anterior a 1810 (FALCÃO, 2010). Ainda, de acordo com documentos analisados por Sant’anna e Mazo (2015), existem indícios de uma prática similar nas tropas Romanas na Escócia e também na Idade Média, com práticas de jogos bem análogos (SANT’ANNA; MAZO, 2015).

Entender a história como uma construção, como anteriormente citado, implica perceber que ao imergir em um período distante é inevitável que analisemos a partir de um olhar do presente, mesmo que se esgotem as aproximações da compreensão daquele contexto (LE GOFF, 1994). Segundo Stephanou (2018, p. 2)

Reconhecemos o passado como “reino do desaparecido” e, apesar das ondas fugidias através das quais ele se nos apresenta, como historiadores, movidos por uma intenção de verdade e imaginação criadora, expressamos sob a forma de narrativas nossas leituras do tempo. Sabemos já o quanto tais leituras do passado são contingentes e se revestem de provisoriedade, assim como podemos visitar muitos tempos e temas já narrados e produzir novas intelegibilidades, dentre elas a das periodizações.

A mesma autora (2018, p. 4) salienta: “Quando circunscrevemos um fenômeno a uma periodização, sabemos bem o quanto somos arbitrários, o quanto nos são inalcançáveis a emergência e as repercussões ou extensão no tempo”. Em vista disto, podemos entender que reduzir os fatos históricos a datas e nos ater a isto, procurando uma verdade, pode nos cegar ao amplo acontecimento deste fato histórico, e entender que conforme o tempo, os estudos, as tecnologias, a história vai se reformando e obtendo talvez mais informações daquele tempo para compor outro revestimento provisório.

A peculiaridade da história do Rúgbi está mantida na história documentada por Mr. Matthew Bloxam em 1876. (SANT’ANNA; MAZO, 2015). Esta narrativa conta sobre um menino, de nome William Webb Ellis, que em uma partida de futebol agarrou com as mãos a bola e saiu correndo, impedindo que seus colegas o pegassem, até que um deles o agarrou. Este personagem é citado em todos os artigos consultados como o criador de uma jogada inusitada que levou a origem da prática esportiva do Rúgbi (SANT’ANNA; MAZO, 2015; MORALES JUNIOR; MARQUES, 2016; MARQUES; CAPEO, 2014; GONÇALVEZ; VAZ, 2015; FALCÃO, 2010).

Após o surgimento da modalidade, houve tentativas de formação clubista de Rúgbi, que segundo De Klerk (2009) apud Sant’anna e Mazo (2015), a primeira tentativa foi em 1839, mas só houve institucionalização da modalidade no formato de clube em 1843. As dificuldades comentadas no artigo apontam para a contrariedade dos praticantes em seguir as regras. Com o tempo, os clubes foram superando os obstáculos e lentamente introduzindo-se no cenário esportivo. Esta introdução do Rúgbi acarretou na criação de torneios, tal como o Torneio das Quatro Nações em 1883.

O Império Britânico começou neste período a adotar o rúgbi como uma de suas características, este processo pode ter fomentado a expansão continental do esporte no final do século XIX. (GUTIERREZ et al., 2017). Assim, por volta de 1810 a imigração inglesa chega ao Brasil, deixando diversas marcas culturais no país. Em algumas cidades como o Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, os ingleses construíram igrejas, escolas, agremiações, e distintos meios para assistência, manutenção da arte e recreação, dentre estes clubes esportivos. (MELO; GONÇALVES, 2019).

Em 1875 deu-se a fundação do primeiro clube de rúgbi no Brasil pelos britânicos, o Paissandu Atlético Clube. Após, isso sucedeu a fundação em 1891 do Clube Brasileiro de Futebol Rugby, apontado para vestígios da união do Futebol com o Rúgbi. Tais vestígios não

são abordados pelas fontes coletadas, mas são aspectos importantes para se entender a história do esporte. Segundo Cenamo (2010), Charles Miller, conhecido como o pai do futebol no Brasil, chegou a São Paulo com duas bolas de couro nas mãos e um manual de regras, por mais que sua paixão tenha sido o futebol, ele organizou em 1895 o primeiro time de rúgbi brasileiro, o time São Paulo Athletic Club (SPAC). (SANT'ANNA; MAZO, 2015; GUTIERREZ et al., 2017; MARQUES; CAFEO, 2014). Com esta organização no território brasileiro sabe-se segundo Gutierrez et al. (2017), que diversas cidades neste período de 1900, já ocorria a prática do rúgbi, tais como Porto Alegre, Recife, Belém, São Paulo, Rio de Janeiro e cidades do interior do Estado de São Paulo.

Apesar da institucionalização de congregações da prática de rúgbi em finais do século XIX, foi apenas em 1926 que a primeira partida oficial foi registrada no Brasil. Posteriormente houve a formação de mais de cinco clubes brasileiros neste período, havendo realização de jogos contra equipes visitantes estrangeiras, tais como os *Springboks* (África do Sul), *Lions* (Inglaterra). (GUTIERREZ, 2017). Apesar de tais informações, o advento da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), levou a muitos ingleses voltarem a seu país para batalha, com isto houve uma diminuição da prática esportiva. (SANT'ANNA; MAZO, 2015; GUTIERREZ, 2017). Após a Segunda Guerra Mundial é que a modalidade voltou a ser disputada com maior regularidade. Assim, criou-se em 1963 a União Rugby do Brasil, que foi reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) (SANT'ANNA; MAZO, 2015; MARQUES; CAFEO, 2014; SILVA et al. 2015). Em 1972 ocorreu a mudança da União Rugby do Brasil para a Associação Brasileira de Rugby (ABR), que mais tarde, passou a ser a Confederação Brasileira de Rugby (CBRu), esse atualmente é o órgão de máxima importância no país (SANT'ANNA; MAZO, 2015; MARQUES; CAFEO, 2014).

Com a criação de uma entidade reguladora no Brasil, houve um novo acesso ao esporte, principalmente pela iniciativa e interesse de escolas e universidades, que acarretou em novos investimentos e possibilidades para os brasileiros. (SANT'ANNA; MAZO, 2015). Contudo, através das buscas empregadas nesse estudo, encontrou-se um fato que rompeu com iniciativas de escolas e universidades de inserir o rúgbi em seus contextos. No início da década de 1980, aconteceu uma tragédia que culminou na descontinuidade do rúgbi escolar no Brasil. Segundo Cenamo (2010), em um jogo entre escolas um dos jogadores sofreu um acidente e sofreu uma lesão na coluna cervical, resultando em um caso de tetraplegia. O mesmo autor ainda salienta que tal fato prejudicou enormemente o desenvolvimento do rúgbi,

pois finalizou-se os torneios interescolares, acarretando no termino de diversos times. Em vista disso e da decorrência de casos como este, a *World Rugby* (IRB), denominada em língua portuguesa Rúgbi Mundial, resolveu reformular suas regras, objetivando a segurança dos praticantes, tanto que atualmente casos como este são raríssimos. (CENAMO, 2010).

Embora este fato tenha sido superado pela IRB com a reformulação das regras, é notável que a primeira característica elencada pelos espectadores seja o constante contato físico entre os jogadores, um dos atributos registrados nas fontes. (GIANATTI; SANTOS; CAPRARO, 2018; GONÇALVES; VAZ, 2015). Os contatos físicos são recorrentes a visão estética do jogo, que são formas de contenção adversárias, bem comuns em esportes de território e invasão, embora sejam atributos inerentes ao esporte, estes também perpassam a vertente da construção cultural.

Diagnosticar os acontecimentos no Brasil proporcionam entender a concepção do rúgbi e como as características culturais territoriais específicas do país, colaboraram para esta concepção. Ao aproximar estas descobertas, divergências e conceitos da escola, em formas de debates em sala ou inseridas nas aulas práticas, fazem parte da atribuição da Educação Física escolar. Segundo Coletivo de Autores (1992), esta aproximação implica ampliar e aprofundar a uma compreensão crítica da realidade. A BNCC (2017) reafirma tais sentenças ao dizer que a Educação Básica deve permitir acesso a um amplo universo cultural. Entende-se a partir destas afirmações que a historicidade do rúgbi é um modo de amplificação cultural, e pode possibilitar criticidades e uma compreensão da realidade para os estudantes. Observando todas as afirmações e acontecimentos, é possível dizer que sem a educação histórica sobre a modalidade e seus acontecimentos é intangível o conhecimento de representações e significados que rodeiam a prática.

O próximo subitem tratará sobre o tema transversal, gênero. Os dados coletados demonstram a história do rúgbi feminino, seus silêncios, invisibilidades, barreiras e conquistas.

4.3 Rúgbi Feminino

Nas produções acadêmicas coletadas para essa pesquisa, foi encontrado um número significativo de produções, cinco artigos, com temáticas relacionadas ao rúgbi feminino. Essas produções, além de contarem a história do rúgbi feminino, também trouxeram em suas páginas histórias de mulheres no esporte, como mostraremos a seguir.

Segundo as fontes, a prática de esportes por mulheres no Brasil data pelo período do século XIX, contudo é no século XX, que a participação se expande, conquistando maior visibilidade. (GOELLNER, 2005). Embora a prática das mulheres tenha começado no século XIX, houve também conflitos neste período. Tais conflitos, segundo uma das fontes, possui sua raiz na recente história colonial do Brasil, agrária e cristã, a qual imaginava um futuro moderno, industrial e católico. Com isso, visava a permanência da mulher no lar, pois para eles as mulheres deveriam ter os valores morais de guardiã e mãe da família. (GOELLNER, 2005).

Para Moura et al. (2017), os esportes refletem valores da sociedade, sobre os quais podem ser citados os preconceitos e barreiras que enfrentam as mulheres para a prática de certas atividades. Ao levarmos em consideração as abordagens descritas neste trabalho fica evidente a relação de aproximação entre representações sociais e representações esportivas, ressaltando a possibilidade de valores sociais estarem impressos em valores esportivos. Essas representações esportivas relacionadas às mulheres perpassavam pensamentos segregatórios, tais como:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas. (GOELLNER, 2005, p. 92).

Essas afirmações denotam a importância de entender os discursos construídos acerca da mulher no esporte. A conotação biológica foi utilizada como argumento para distanciar as mulheres de certas práticas esportivas. (FREITAS et al. 2019). Tais argumentos estão contidos na lei de proibição em 1941, citada também por Marques e Cafeo (2014) E Goellner (2005). O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, com o Art. 54, determinava: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

De acordo com Marques e Cafeo (2014), esta lei corroborava para o sexismo na modalidade rúgbi, buscando legitimar uma cultura de superioridade dos homens. Além disso, segundo Bettine, Gutierrez e Oliveira (2017, pg. 143): “A modalidade principalmente nos países onde é mais popular sempre esteve atrelada á masculinidade”. Em vista disso é evidenciado pelos autores Moura et al. (2017) que as mulheres que praticam o rúgbi encontram-se num meio social cheio de representações e símbolos que em suma maioria favorece os homens.

A autora Saouter (2003, p. 37) afirma: “[...] O discurso de exclusão pode até mesmo ser acompanhado de um sentimento de medo: ‘Elas nos vigiam’, ‘Elas correm o risco de estragar tudo’, ‘Elas sempre são espalhafatosas’”. Embora se tenha esse afastamento, também é percebido um posicionamento dado às mulheres. A mesma autora (2003) ressalta que as esposas e mães sempre tem um lugar reservado nas arquibancadas, mas os convites são restritos, justamente pela cultura masculinizada do esporte.

Tais estereótipos, segundo Wielecrosseles (2016), mostram que as relações de gênero foram construídas historicamente e usadas para justificar, enfatizar e perpetuar diferenças de forma negativa, e na Educação Física Escolar esta não se apresenta de forma diferente. Dessa forma, tais evidências colaboram para a apropriação de uma representação de identidade masculina ao rúgbi, e esta delimitação histórica e social da modalidade pode colaborar com preconceitos sociais. Todos os resultados apresentados até o momento auxiliam para uma discussão no mínimo urgente de gênero, tendo dados e bases sólidas para que se estude e aprofunde essas temáticas dentro da escola, podendo assim utilizar-se da história das mulheres no rúgbi para fomentar tais debates.

Dentro dos documentos educacionais há atribuições específicas para a Educação Física, dentre essas: “Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas”. (BRASIL, 2017, p. 223). Tal identificação pode ocorrer com a aproximação de estudos do rúgbi, possibilitando, através da história, reflexões acerca de como foram construídas essas barreiras e preconceitos e como elas se modificaram ao longo dos anos e ainda permanecem no contemporâneo. A Educação Física, ao pensar numa educação igualitária entre meninos e meninas, deve aplicar diferentes metodologias em busca de uma reflexão mais ampla sobre seus conteúdos, para que assim diminuam atitudes

preconceituosas e segregatórias, assim como possa estimular pensamentos críticos, de liberdade de expressão e igualdade de gênero. (ATEM; PELEGRINI, 2016).

Estereótipos, barreiras e distanciamentos das mulheres com o rúgbi colaboraram para um atraso em relação a outras modalidades, na década de 1970. (BETTINE; GUTIERREZ; OLIVEIRA, 2017; MARQUES; CAFEO, 2014). Cabe destacar que, como citado no texto de Marques e Cafeo (2014, pg. 29), “não há dados significativos que relatem quando o rúgbi passou a ser jogado pelas mulheres no Brasil, já que as fontes oficiais [...] referem-se à prática masculina [...]”.

Com isto, observa-se um distanciamento histórico das mulheres com o rúgbi e uma lacuna desta história. No entanto, é encontrado nos artigos consultados dados cronológicos de criações de clubes no Brasil, da Seleção Feminina de rúgbi e de competições. Chagas (2007) apud Marques e Cafeo (2014), traz vestígios de uma estável atividade em 1997 de rúgbi feminino na cidade de Florianópolis em Santa Catarina com dois clubes o Desterro Rugby Clube e Barra Rugby Clube.

Outra data citada é de 2004, a qual marca o ano de criação da Seleção Brasileira Feminina de Sevens, formada com o objetivo de participar do Campeonato Sul- Americano. Desde então a seleção segue em atividade, conquistando ao longo dos anos resultados importantes. Em 2009, as jogadoras conseguiram um grande feito: disputar a Copa do Mundo de Rugby Sevens, na qual obtiveram o 10º lugar. (MARQUES; CAFEO, 2014).

Segundo Marques e Cafeo (2014), com a finalidade de possibilitar uma maior experiência e competitividade das atletas brasileiras, em 2012 a CBRu criou o Circuito Brasileiro de Rugby Sevens Feminino, sendo o primeiro torneio neste formato da América Latina. Os autores (2014) ainda contam sobre a continuada participação das atletas e seus resultados importantes, tais como o ouro nos Jogos PanAmericanos de 2015, sendo esta a décima conquista delas na competição.

Todos os dados apresentados até o momento remetem a falta de dados sobre a origem da prática de rúgbi pelas mulheres brasileiras. Embora se tenha poucas fontes para análise em artigos publicados em Revistas Brasileiras de Educação Física, este assunto não é dispensado da Educação Física escolar. As questões de gênero imersas na prática do rúgbi podem possibilitar discussões a respeito das desigualdades existentes dentro do país, já que ainda é presente o papel secundário da mulher em relação aos homens (CRUZ; PALMEIRA, 2009). Segundo Wielecrosseles (2016), o gênero é uma construção histórica e social que se

relaciona com a Educação Física escolar, e esta construção apresenta-se no cotidiano escolar em aspectos biológicos sem questionamentos. O autor ainda afirma que esta é uma tarefa intensa de desconstrução dos conceitos construídos historicamente em torno do gênero.

Em vista disso, torna-se possível relacionar as possibilidades que a história do rúgbi proporciona para ampliar essa desconstrução conceitual de gênero no Brasil, ao abordar o afastamento, às leis de proibição, a invisibilidade das mulheres neste esporte; consegue-se também abordar preconceitos, barreiras e dificuldades que elas enfrentam em seus cotidianos. Em uma perspectiva mais ampla, é possível associar as dificuldades encontradas no esporte com aquelas encontradas em toda a sociedade brasileira e mundial.

Segundo Deive et al. (2010) as pesquisas que compõem histórias de atletas e esportes femininos, colaboram para a história dos esportes no país, além de contribuírem para a emancipação das mulheres e para uma maior participação delas. Esse resgate da história e memória feminina esportiva pode contribuir para aumentar as possibilidades visualizadas pelos cidadãos, além de criticidade de gênero e com isto permitir diminuição de preconceitos que ainda existem em nossa sociedade.

4.4 O Rúgbi Adaptado

A história da modalidade paraolímpica Rúgbi em Cadeira de Rodas, encontra-se nas fontes desta pesquisa, mas com poucas informações e artigos. Foram encontrados dois artigos com conteúdos históricos. Pena et al. (2014) procura justificar a carência de estudos com abordagens históricas, destacando que devido à evolução da modalidade as pesquisas foram sendo realizadas para fornecer mais informações e melhorar a qualidade de resultados, além dos trabalhos serem na perspectiva de caracterizar o esporte, identificar as funções dos jogadores, das cadeiras e de treino. Esse direcionamento dado para o rendimento pode ter prejudicado a memória esportiva da modalidade, já que atualmente é encontrado escassez nesta temática, além da recente criação do rúgbi de cadeira de rodas, já que este iniciou-se no mundo na década de 1970 e no Brasil apenas em 2005. (PENA et al. 2014; CAMPANA et al. 2011). Não obstante, as histórias da modalidade devem ser pesquisadas para que se entenda o cenário atual e contribua para discussões em torno do tema.

O Rúgbi de Cadeira de Rodas foi criado na década de 1970, devido a uma adversidade no basquete **adaptado**. Esta adversidade é citada por Pena et al. (2014), sendo

relacionada com o tipo de deficiência dos atletas: os casos mais graves tinham dificuldade de se enquadrarem no basquete e conquistarem bons resultados. Desta forma, o rúgbi tornou-se uma tentativa de melhorar os resultados para atletas com maiores dificuldades no basquete. (PENA et al. 2014).

O primeiro campeonato internacional ocorreu em 1995. Já no ano seguinte, 1996, o esporte foi incluso como demonstração nas Paraolimpíadas de Atlanta. Na Olimpíadas de Sidney (2000) entrou no quadro oficial das Paraolimpíadas. (PENA et al. 2014; CAMPANA et al. 2011).

A história da prática no Brasil é recente, quando comparada a outros esportes, tendo seu primeiro registro na data de 2005, com a realização dos Jogos Mundiais de Cadeira de Rodas. Contudo, a prática só foi oficializada em 2008 com o surgimento da Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC). Segundo as fontes após o surgimento da associação, houve um aumento significativo de equipes, campeonatos e eventos. (PENA et al. 2014; CAMPANA et al. 2011). Atualmente a modalidade é disputada por atletas com lesão medular espinhal, em nível cervical ou com comprometimento motor correspondente. O esporte é jogado em quadra de basquetebol e é usada uma bola semelhante à de voleibol, sendo disputado em dois tempos de oito minutos cronometrados. (PENA et al. 2014).

Um das fontes traz em suas páginas uma lei de inclusão de alunos com deficiência, numa forma de reafirmar a importância do trabalho da atividade física adaptada. A Lei de Diretrizes de Base 9394/96 de 1996, cita a inclusão de alunos com deficiência nas escolas de todo o país, colocando o Esporte Adaptado como um conteúdo a ser inserido nas escolas. (PENA et al. 2014).

Com base nesses resultados obtidos, conseguimos observar alguns aspectos em torno da temática. Primeiramente a escassez de conteúdo histórico do Rúgbi de Cadeira de Rodas, e um enfoque maior em sua performance nas publicações brasileiras. Essa escassez citada e coletada nessa pesquisa, demonstram por um lado uma preocupação pela falta de dados, pela pouca atenção dada aos artigos de rúgbi em cadeira de rodas a história, e por outro lado, evidenciam um arsenal de possibilidades para a Educação Física, em obter respostas. Essa é uma das colaborações deste estudo, ao possibilitar novas descobertas e pesquisas a serem feitas.

As fontes expõem uma ligação com as Paraolimpíadas. Segundo Torri e Vaz (2017), o esporte paraolímpico cresce em grande escala, com o objetivo de inserir pessoas com

deficiência no mundo esportivo, sendo uma marca da participação destes na sociedade. Os mesmo autores (2017) salientam que embora haja um discurso de superação em torno dos paraolímpicos, estes por vezes não tem a mesma concepção e chegam a discordar da forma como são vistos, pois a superação é necessária tanto para atletas com deficiência quanto para os que não têm deficiência. Salientamos que o conteúdo Esporte Adaptado deve estar presente na Educação Física escolar e contemplar todo o ensino, tendo estudantes com deficiências ou não.

Nesta perspectiva conseguimos relacionar estes dados com a Lei de Diretrizes de Bases 9394/96 (BRASIL, 1996), a qual diz que o ensino terá bases e princípios de igualdade de condições para acesso e permanência na escola, sendo esta pública e gratuita. Segundo Costa e Sousa (2004) a Educação Física apresenta um contexto recente quanto à inclusão dos estudantes, pelo seu viés higienista. Os autores ainda afirmam que atualmente existem barreiras dentro da Educação Física escolar, tais como falta de informações, discursos que protagonizam a performance, barreiras atitudinais e estruturais. Essas dificuldades podem ser ultrapassadas com aproximação da escola com os estudos científicos, com a pluralização das diversidades e com o resgate histórico crítico de construção dos esportes paraolímpicos no Brasil. Ao olhar a história da modalidade paraolímpica, e expor estes conhecimentos aos estudantes, podemos considerar a aproximação destes com um cenário mais igualitário, mais humano, menos preconceituoso, numa desconstrução de barreiras ideológicas e atitudinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos para as conclusões que, ao analisar as fontes coletadas em revistas científicas brasileiras da área da Educação Física, foram encontrados 202 artigos que tinham o Rúgbi como objeto de pesquisa, porém apenas 17, sendo 8% tratavam da perspectiva histórica desta prática. Este número representa uma pequena quantidade quando comparada com outras

temáticas, por exemplo, a categoria avaliação física com 25%. Estes dados demonstram uma escassez na representatividade da produção acadêmica na perspectiva histórica acerca do rúgbi, demonstrando uma invisibilidade da história da modalidade, uma lacuna a ser preenchida com mais pesquisas.

Em contra partida, mesmo com a escassa produção bibliográfica sobre a história do rúgbi, as existentes permitiram uma construção de conhecimentos na Educação Física escolar. Dentre eles, vale ressaltar que apenas um artigo apresentou uma análise aprofundada sobre o tema ao tratar da história de um clube do Sul do Brasil, o Charrua Rugby Clube, dos autores Ricardo Sant'anna e Janice Mazo, publicado em 2015. Esse texto dissertou em detalhes, bem como questionou mitos e fontes, sendo o único que descreveu, com base na perspectiva e metodologia histórica, os acontecimentos de difusão e disseminação da prática esportiva.

Além disto, através desta pesquisa observou-se que as propostas curriculares, nacionais, estaduais e municipais, tematizam a Educação Física nos estudos culturais do corpo, expressando a necessidade de aprofundamento da historicidade das práticas e da cultura, como estas estão socialmente inseridas, possibilitando diversos debates. E ao olhar aos artigos, constatamos que a maioria deles não desenvolve seus estudos com pressupostos teóricos da história e são descritivos em seu olhar, românticos aos fatos históricos, factuais e não interpretativos. Com isto, observa-se que há uma necessidade de fomentar na formação de professores o uso, debate e interpretação crítica da historicidade dos esportes, para assim contemplar as diretrizes educacionais no Brasil. Ao olhar estas evidências, percebe-se que existem lacunas a serem preenchidas com mais pesquisas em torno desta temática.

Apesar desta carência, concluo que ao olhar a perspectiva histórica do esporte rúgbi, observou-se diversas possibilidades de inclusão dentro do conteúdo escolar da Educação Física, possibilidades que permeiam os documentos curriculares do Brasil, e podem ser diversificadas em temáticas transversais de ensino: história, gênero e esporte adaptado.

As possibilidades dentro dos temas transversais – assuntos a serem debatidos em sala ou coligados à prática esportiva – incluem a descolonização do conhecimento, os debates críticos sobre o passado e o presente, nos quais o esporte foi e é construído historicamente. E, assim, colocando o corpo e a cultura como objetos da Educação Física escolar, aproximando os alunos de seu contexto cultural e colaborando para criticidades em viés democrático e cidadão.

Vale destacar que a realização deste estudo contribuiu para a construção do pensamento científico, questionamentos e possibilidades de adquirir conhecimentos relacionados com o campo da Educação Física, contemplando a minha conclusão do curso. Percebe-se que o processo de escrita, embora cercado de desafios, trouxe ao longo do processo enriquecimento em termos pessoais e acadêmicos, espero que com esta pesquisa ocorra colaborações para demais estudos. Com isto deixo aqui sugestões de próximas pesquisas, tais como: entender a institucionalização do rúgbi, quais países influenciaram e trouxeram a prática para o Brasil, como o rúgbi feminino e rúgbi em cadeira de rodas surgiram e foram se construindo ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

ATEM, Ricardo Gregório; PELEGRINI, Thiago. Gênero e Esporte nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio. In: PARANÁ, Governo do. **Os desafio da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná: Cadernos Pde, 2016. Cap. 1. p. 1-28.

ANTONIO, Victor Sá Ramalho; KATER, Thiago. A Imigração Britânica e a Introdução do Rugby no Brasil (1891-1933). In: ANPUH SP, 23., 2016, São Paulo. **23º Encontro Estadual de História**. São Paulo: Anpuh, 2016. p. 1 - 12.

BETTINE, Marco; GUTIERREZ, Diego Monteiro; OLIVEIRA, Alua. Corpo e feminilidade a partir da experiência das jogadoras de Rugby brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p.139-153, dez. 2017.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/91303565/Educacao-fisica-e-aprendizagem-social-Valter-Bracht>. Acesso em: 30 maio 2019.

BRASIL, Comitê Olímpico do (Org.). **Esportes: Rugby**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/Esportes/rugbi>. Acesso em: 25 maio 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 1. ed. Brasília, DF, dez. 2017. v. 1, p. 1-472.

BRASIL. Decreto-Lei N° 3199, DE 14 DE ABRIL DE 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, 18 abr. 1941, p. 7652.

BRASIL (Org.). **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. 62 p.

BRASIL. Lei de Diretrizes de Base n° 9394, de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília , DF, 1996.

CAMPANA, Mateus Betanho et al. O Rugby em Cadeira de Rodas: aspectos técnicos e táticos e diretrizes para seu desenvolvimento. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 4, p.748-757, dez. 2011.

CASTELLANI FILHO, Lino. As concepções de Educação Física no Brasil. **Horizontes: Revista de Educação**, Dourados, v. 1, n. 2, p.11-31, dez. 2013.

CAVALCANTI, Tássia de Souza et al. Empoderamento, Mulheres e Práticas Corporais: uma Revisão Sistemática da Literatura. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 21, p.319-344, jul. 2018.

CENAMO, Gabriel Colini. História do Rugby. 2010. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e Esporte Adaptado: História, Avanços e Retrocessos em Relação aos Princípios da Integração/Inclusão e Perspectivas para o Século XXI. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 3, n. 25, p.27-42, maio 2004.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 15, p.116-131, jan. 2009.

DARIDO, S. C.. Educação Física na Escola: Conteúdos, suas Dimensões e Significados. In: Suraya Cristina Darido. (Org.). Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 51-75.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz. Revista de Educação Física. Unesp**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.1-11, 20 nov. 2010. UNESP - Universidade Estadual Paulista. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>.

ESCOBAR, Michell Ortega. Cultura Corporal na Escola: tarefas da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.91-102, dez. 1995.

ESTADO DE SANTA CATARINA (Município). Constituição (2015). **Diretrizes Curriculares Para A Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis, 2015. p. 1-44.

FALCÃO, Rodrigo Scialfa. O Rúgbi num projeto social: relato de uma experiência. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 2, p.82-101, dez. 2010.

FALCÃO, Rodrigo Scialfa. O Rúgbi num projeto social: relato de uma experiência. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 3, p.82-101, dez. 2010.

FREITAS, Alice Francisco e colaboradores. O futebol no jornal das moças: as aproximações e os distanciamentos das mulheres. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 02, p. 63-74, mai./ ago., 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Esporte Moderno: memória e história**. 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd77/esporte.htm>. Acesso em: 25 maio 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e Esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar A Prática**, Porto Alegre, v. 1, n. 8, p.85-100, jun. 2005.

GIANATTI, Bianca Gutierrez; SANTOS, Laís C. A. dos; CAPRARO, André Mendes. A representação dos esportes na literatura de Muriel Barbery. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Paraná, v. 3, n. 26, p.148-155, ago. 2018.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Resíduos do Amadorismo no Esporte: a exemplo de uma equipe de Rúgbi Feminino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 21, p.591-601, set. 2015.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: Ufes, Núcleo de Educação Aberta e A Distância, 2012.

GUTIERREZ, Diego Monteiro et al. A Study on The Introduction and Institutionalization of Rugby in Brazil. **Journal Of Physical Education**, [s.l.], v. 28, n. 1, p.1-10, abr. 2017. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2841>.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1924. 476 p.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani et al. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 47-58.

MARQUES, José Carlos; CAFFEO, Marta Regina Garcia. Mulheres Fazem Isso? – Análise das Estratégias de Gestão do Rúgbi Feminino no Brasil. **Podium Sport, Leisure And Tourism Review**, [s.l.], v. 03, n. 02, p.26-40, 1 dez. 2014. University Nove de Julho. <http://dx.doi.org/10.5585/podium.v3i2.91>.

MELO, Victor Andrade de; GONÇALVES, Michelle Carreirão. À Sombra do Futebol: experiências com o Rugby nas duas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, n. 25003, p.1-14, mar. 2019.

MELLO, Júlio Brugnara; PINHEIRO, Eraldo dos Santos. O Rugby na Educação Física Escolar: relato de uma prática. **Cadernos de Formação Rbce**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.20-32, mar. 2014.

MOURA, Giovanna Xavier de et al. Mulheres e Esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. **Motrivência**, Florianópolis, v. 50, n. 29, p.17-30, maio 2017.

MORALES JUNIOR, Valter Ruiz; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. O Futebol Americano e a Teoria dos Campos: a análise histórica da modalidade nos estados unidos na perspectiva da obra de Pierre Bourdieu. **Revista da ALESDE**, Curitiba, v. 7, n. 1, p.11-24, nov. 2016.

NUNES, Fábio Santana. Perspectivas Metodológicas de Ensino da História dos Esportes. **Cadernos de Formação Rbce**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p.59-71, set. 2017.

OLIVEIRA, Amurabi. Antropologia, colonialidade e pós-colonialidade: diálogos possíveis com a educação. **Quaestio**, São Paulo, v. 1, n. 16, p.11-23, maio 2014.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PENA, Luís Gustavo de Souza et al. O “rugby” em cadeira de rodas no âmbito da universidade: relato de experiência da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Campinas, v. 28, n. 4, p.661-669, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000400661>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2007.

RUGBYa, Portal do. **Onde Jogar**. Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/entenda-o-rugby/onde-jogar>. Acesso em: 25 maio 2019.

RUGBYb, Portal do. **História do Rugby**. Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/entenda-o-rugby/onde-jogar>. Acesso em: 16 outubro 2019.

RUGBYc, World. **Welcome to Rugby**. 2019. Disponível em: <https://www.world.rugby/welcome-to-rugby>. Acesso em: 8 jun. 2019.

SAOUTER, Anne. A mãe e a prostituta Os homens, as mulheres e o rugby. **Movimento**, Porto Alegre, v. 2, n. 9, p.37-52, ago. 2003.

SANT'ANNA, Ricardo Tannhauser; MAZO, Janice Zarpellon. Charrua Rugby Clube: memórias do primeiro clube do rugby gaúcho. **Revista Kinesis**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p.23-40, jul. 2015.

SANTA CATARINA (Estado). Proposta Curricular de Santa Catarina nº 1, de 21 de novembro de 2014. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica**. 1. ed. Florianópolis, SC, 21 nov. 2014. p. 1-192.

SILVA, Marcelo Moraes e et al. O financiamento público do rugby brasileiro: a relação governo federal e Confederação Brasileira de Rugby. **Revista da Educação Física/uem**, Curitiba, v. 26, n. 2, p.213-222, 20 abr. 2015. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i2.24586>.

SILVA, Liege Filgueiras; PORPINO, Karenine Oliveira. Esporte como Experiência Estética e Educativa: uma abordagem fenomenológica. **Holos**, [s.l.], v. 5, p.64-80, 21 nov. 2014. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). <http://dx.doi.org/10.15628/holos.2014.2557>

SOUZA JÚNIOR, Marcílio et al. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Florianópolis, v. 2, n. 33, p.391-411, abr. 2011.

STEPHANOU, Maria. Os Historiadores e as Vicissitudes do Tempo: Perceber, Imaginar, Elegir, Compreender, Construir. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 54, p.1-7, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/79389>.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. **Praxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p.536-550, ago. 2017. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.12i2.0014>.

VAMPLEW, Wray. The history of sport in the international scenery: an overview. **Tempo**, [s.l.], v. 17, n. 34, p.5-17, 2013. Editora da Universidade Federal Fluminense. <http://dx.doi.org/10.5533/tem-1980-542x-2013173402>.

VAZ, Luís Miguel Teixeira. Ensino do Rugby no meio escolar. **Ef y Deportes**, Buenos Aires, v. 81, n. 10, p.1-7, fev. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luis_Vaz/publication/28078574_Ensino_do_rugby_no_meio_escolar/links/00b495398156f59c55000000/Ensino-do-rugby-no-meio-escolar.pdf. Acesso em: 31 out. 2019.

FLORIANÓPOLIS (cidade) Claudia Cristina Zanela; Ana Regina Ferreira de Barcelos, (Org.). **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis: Secretária da Educação, 2016. 284.

WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómadas**, Bogotá, v. 1, n. 26, p.102-113, dez. 2007.

WIELECOSELES, Leandro Madalosso. Questões de Gênero na Educação Física Escolar: Educação Física um Espaço de Relações. 2016. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.